

VISADO
COM. DE

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - Agência em Lisboa - P. dos Restauradores, 13-3.º-D. - Telefone 27

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimarant

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Na Hora da Consagração Colega ilustre UMA CARTA A minha homenagem ao ilustre escritor Dr. Eduardo de Almeida

Falar de Eduardo d'Almeida, atraindo entusiasmo e manifestação de sinceridade. O seu extraordinário talento, a vastidão da sua cultura, a elegância do seu carácter e a beleza da sua alma, em faculdade rara, geram o espírito do artista, a sobriedade do escritor, a pa-

consciência e o respeito à lei», obrigando-o a acompanhar aquela mulher-infanticida «pela via da amargura do julgamento», recessos de que a sentença dos códigos lhe «cadaverisasse a sua existência», ainda que fossem retratadas «as choupanas onde a fome espalhou a loucura, as tragédias hor-

O Dr. Eduardo d'Almeida terminou o curso de Direito no mês de Junho de 1905, há 30 anos pois, revelando, durante o curso, o talento que todos lhe admiramos. Em Outubro seguinte abriu banca de advogado nesta cidade, iniciando no nosso Tribunal os seus primeiros vãos, que logo denunciaram ao fóro vimaranense as suas vastas aptidões para a carreira que abraçara, carreira que é sempre um trabalho absorvente e esgotante para os que dela tem de viver.

Em Novembro de 1906, por nomeação officiosa, fez a sua estreia num processo de que-rela por infanticídios em circunstâncias difíceis, que a sua pujante inteligência, comovente eloquência e a sua muita erudição em sociologia e direito criminal levaram de vencida, conseguindo a absolvição da argüida.

Estava lançado, e certo é que, após esse autentico e retumbante triunfo, poucas foram as causas crimes de importância, julgadas na comarca, em que não colaborou, suavizando dores e amarguras, minorando infortúnios e libertando inocentes.

Duma bondade santa, preocupou-o sempre a sorte dos fracos, a desgraça dos desprotegidos, a quem cobriu com os fulgores da sua palavra fácil e elegante e com o calor do seu sentimento afectivo.

Os interesses materiais já-mais contaram para a sua solicitude e carinhosa protecção. Foi sempre duma nobre isenção. Justo é, pois, que se lhes preste homenagem no trinta-nário da formatura, que lhe deu ingresso no nosso fóro, onde é um artista da oratória, um advogado estudioso, erudito, ponderado, brilhante e duma lealdade inextinguível.

Eis o testemunho pessoal que deponho neste semanário acerca dum dos aspectos da vida do seu homenageado.

ANTÓNIO DO AMARAL.
(Advogado)

Dr. EDUARDO DE ALMEIDA

O malgrado escritor Guilherme de Azevedo ao traçar, no *Album das Glórias*, de Bordo Pinheiro, o perfil de Camilo Castelo Branco, fê-lo do seguinte modo: Após o nome do perfilado seguia-se uma página de... lendo-se no final apenas isto: «picado de génio e de bexigas».

Gostosamente acêdo ao pedido que me foi feito para colaborar com algumas linhas em o número de Homenagem que o conceituado semanário «Notícias de Guimarães» vai publicar sobre o Dr. Eduardo de Almeida, embora o tempo me escasseie.

Escrevendo sobre o homenageado, direi sómente, e sem sombra de lisonja a que não sou atreito: Guimarães, 25 de Junho de 1935.

JOÃO AYRES.

Meu Amigo

Pede-me algumas palavras para o seu jornal, mui lido, conceituado amigo de Guimarães. Conhecido o motivo do seu pedido e a dedicação da primeira página - homenagem ao Dr. Eduardo de Almeida, aproveitando-se a passagem do 30.º ano da sua formatura - logo êle se transformou em ordem.

Vou, portanto, como sei e posso, cumprir o mandato:

O Dr. Eduardo de Almeida é, sem receio de desmentido, um dos mais ilustres filhos da nossa terra. O seu raro e invulgar talento, os seus conhecimentos adquiridos com um profundo estudo efectivado durante anos, colocam-no e dão ensejo a que todos o coloquem no lugar próprio - *um intelectual*: É, como sabe, está, hoje, lá fora, a dar-se aos «*intelectuais*», a atenção e consideração que merecem e a quem tem *juz* pela imposição moral que fazem aos outros, que os admiram e lhes rendem o preito da sua homenagem: - *tal* talento e sabêr - lhes reconhecem.

O Dr. Eduardo de Almeida é, pelas mesmas razões, um dos intelectuais - não só de Guimarães, como de Portugal. E é pena que em Portugal se não corresponda ao talento, como êle merece; mas éfnatu-



Caricatura do Dr. Eduardo de Almeida, desenhada pelo saudoso José Meira (1905).

ral que, um dia, essa justiça se faça e se venha a pôr de parte a *imposição material*, que, *post bellum*, talvez seja a única que tem merecido a atenção da nossa gente.

Do Dr. Eduardo de Almeida e a seu propósito não digo mais nada; os outros ilustres colaboradores mais e melhor dirão dêle. A amizade, que lhe consagro, a admiração, o aprêço, em que o tenho, são sobejamente conhecidas dêle e de *tôda* a Guimarães. Sempre ás suas ordens.

o seu devotado,
JOÃO D'OLIVEIRA BASTOS.
26-VI-935.

A homenagem que nas columnas dêste jornal, hoje prestamos ao doutor Eduardo de Almeida, é justíssima e oportuna.

Justíssima, pela bondade que irradia do seu coração e da beleza do seu espírito superiormente inteligente; oportuna, por representar o pagamento de uma dívida que de há muito devia estar saldada.

ADELINO JORGE.

E' simples e modesta: escrevo-a em quatro versos... - E' um eacritor de raça a alcandorar-se ao foco Dos génios-imortais de pensamentos tersos! Defeitos, tem um só: ter produzido pouco!..

Junho de 1935. DELFIM DE GUIMARÃIS.

LEMBRANDO

«Vereis amor da pátria, não movido Do prêmio vil, mais alto e quasi eterno:» Que não é prêmio vil ser conhecido Por um Pregão do ninho meu paterno.

E tantos e tão sublimes têm sido os pregões com que o poderoso talento do sábio jurisconsulto, Dr. Eduardo de Almeida, tem brindado e enobrecido a sua e nossa terra, que eu, pressuroso corro a prestar escla-ricimentos que gravei no coração e que de muitos são desconhecidos, para que a ingratitude não apague o amor tão alto e quasi eterno que vimaranense, tão ilustre, votou a Guimarães.

E assim, pela lei 341, genial ideia do deputado Dr. E. de Almeida resultou o seguinte:

«Do rendimento dos bens que pertenceram à extinta Colegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, são anualmente, e desde logo que esta lei entre em vigor, destinados dois terços a prover ás despesas do liceu da mesma cidade».

Fortalecida estava, pois, a estabilidade do nosso primeiro estabelecimento de ensino, tornando possível e eficaz a lei n.º 1.178 da autoria do então deputado por Guimarães, Dr. Lucio dos Santos;

«O liceu Central de Martins Sarmiento passa a ser directamente administrado pelo Estado, devendo rever-ter a favor do Estado todas as receitas até agora atribuídas à Câmara Municipal de Guimarães para o fim da sustentação dêste estabelecimento de ensino.

As verbas dispendidas pelo Estado com o Liceu Central de Martins Sarmiento, desde 1 de Outubro de 1918, consideram-se liquidadas com a Câmara Municipal de Guimarães na data de entrada em vigor desta lei».

Foi assim, com êstes e muitos outros valiosíssimos serviços, que o Dr. Eduardo de Almeida trabalhou para bem servir a dura e bendita missão de engrandecer o ninho seu paterno, insuflando vida e renome à Sociedade Martins Sarmiento, dignificando sempre todas as colectividades que devotadamente serviu.

Sintetizando: O Dr. Eduardo de Almeida, senhor dum grande talento, que muito orgulha os seus conterrâneos, porque é uma alma sensível e boa, aspira, como seu saudoso Pai, a um só ideal: Bem servir e honrar Guimarães.

28-6-1935. JOSÉ DE PINA.

Bilhete Postal ao Eduardo de Almeida

Seria um crime imperdoável se neste momento, e dêste lugar, eu deixasse de juntar a minha voz ao câro unsono, de louvores sinceros, da maior justiça, que os seus Amigos, num impulso natural, irresistível, porfiadamente entoam de norte a sul, agora e sempre, sem a mínima discrepância, num cântico sublime, apoteótico, de gratidão ao *Talento* genial, à *Bondade* ilimitada, à *bronzear* *Lialdade* e à *Sincoridade* profunda de tão preclaro Cidadão.

Aqui me encontro pois, orgulhosamente, com a certeza absoluta, que me enche de vaidade, de que, de entre os *coristas*, e sem desdouro para nenhum dêles, o Eduardo ouvirá a minha voz, a pesar de débil - *«não é quando se fala mais alto que se é melhor escutado»* - que, *«num tom sentido e justo, penetrando fundo em sua alma»*, não cessará de

repetir em saudação simples... muito simples:

Mil parabéns ao Eduardo com os desejos de mil venturas,
do velho e agradecido am.º Lisboa, Junho de 1935.

ABEL CARDOSO.

A consagração que o «Notícias» hoje faz ao Doutor Eduardo de Almeida, aproveitando a passagem do 30.º aniversário da sua formatura, é uma das mais simpáticas e justamente merecidas.

Seu apagado admirador, não devo eximir-me à obrigação gratíssima, que é prazer espiritual, de prestar também a minha rendida e sincera homenagem ao Amigo devotado e lealíssimo, ao advogado culto e probo, ao escritor primoroso e castiço, ao crítico erudito, ao Vimaranense ilustre - glória, honra e orgulho de Vimaranenses, homenagem que muito singularmente se traduz no caloroso abraço, que respeitosa-mente aqui lhe deixo.

FERNANDO CHAVES.
Guimarães, 30-VII-935.

A' laia de carta

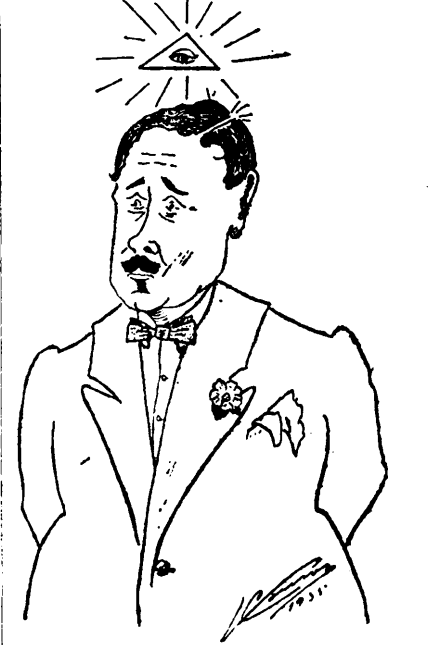
Meu caro Antonino:

Não posso faltar à chamada. Se não me viesse, porém, acordar assim tão de súpeto, e com tempo tão míngado para ingressar na fileira dos bons amigos e admiradores do Dr. Eduardo Almeida, em teria de certeza, deixado vir, lá de long', da saíidade distante, em peregrinação ajoelhada, em cortejo de prece, para êste acto de visita, todas as recordações que levaram o meu sentimento de gratidão e de bem-querer, até junto da estima daquela carinhosa criatura, estima tôda liberalmente vertida em bondade e rasgada em singeleza de alma.

Sim, eu teria com tempo, sacudido uma certa atrigação do meu temperamento, e na minha humildade de graça, as recordações teriam descido lentamente, confiadamente, ao pouto daquela estima que eu sonbera afagar e corresponder, e que é a mesma, na firmeza igual da primeira hora.

Pois é nesta firmeza que está a base da nossa coragem moral e o impulso da nossa espontaneidade de acção.

Ou como os mesmos e iguais no equilíbrio do nosso corresponder de affecto, e apparecemos, de qualquer forma e modo, ou então justamente



Caricatura do Dr. Eduardo de Almeida, desenhada por L. Coelho para êste jornal.



EDUARDO DE ALMEIDA, no ano da sua formatura (1905)

lavra maravilhosa do tribuno e o poder convincente do crítico. Pode dizer-se mesmo que a sua personalidade autorisa o «academismo».

Nesta época agitada de paixões políticas, Eduardo d'Almeida é o homem que não descre de futuro e que melhores noções tem sobre a vida dos Povos. Espírito desempeorado e penetrante, a sua vontade firme é uma bandeira que se desfralda ao vento, tinta pelas côres da bandeira da Humanidade, fazendo obscurecer na sua sombra quaisquer *vermes* de carcassa elevada ao ar e que veem o que não vivem.

Nas suas primeiras obras, influências diversas são visíveis. Dobrados os anos, cria uma personalidade literária inconfundível, perfumada à força de sombras e esforço psíquico, envolvida na sua armadura de paisagista insigne e de retratista familiarizado

No jornalismo, confessemos-lo, é um mestre em que o perfil se desenha de uma grandesa tranqüilla, sopesando a prosa na sua execução sólida, espessa, quasi austera de riqueza. Na «Ala Moderna», «Comércio de Guimarães», «Alvorada», «Republicano», «Velha Guarda», «Razão», «Povo de Guimarães», «Revista de Guimarães» e «Notícias de Guimarães», a evolução do seu espírito compreende a parte ideal da sua arte e grava o triunfo do seu trabalho aturado e contínuo.

Nos grandes jornais, poder-se-ia honrar como um predestinado, tal o à-vontade com que lhe são franqueadas as suas columnas, não por favor, mas porque o seu merecimento é razão que cintila como luz de astro fulgurante.

Idealista de conceitos e fórmulas, se o quizerem, Eduardo d'Almeida poderia ter sido tudo neste país.

A sua experiência da «Coisa Pública», a impenetrabilidade de sentimento e o seu carácter inconcusso, põem distintamente a coberto das ridículas experiências burguesas, inaptas e flatulentas.

No Fóro, quem não se recorda da defesa da *Tiça*, proferida em 7 de Novembro de 1906, no tribunal da comarca, em que o cumprimento do dever, embora atingisse por vezes *satânica* *impiedade*, o aconchegava mais na toga, «de harmonia com a sua

ríveis da degenerescência, a agitação perigosa e impulsiva do alcoolismo?! E depois... dessa data para cá, quantas defesas maravilhosas, e por vezes acusações que a ninguém repugnariam, pelos tribunais de Fafe, Santarém, Celorico, Porto, etc., em prática de real justiça, em abôdo da pobreza e em desagravo das protérvias da tirania!...

Não falam a dedicação e a amizade que se acalentam no peito. Filho de Guimarães, reconhecida a personalidade do Dr. Eduardo d'Almeida, conhecida na intimidade e sabendo-a possuir um coração diamantino, cumpre-me o dever de exaltar o seu amor por esta terra, que tanto honra e engrandece, de antemão verberando aqueles que são um recheio de vitualhas ou mulo de pão, e sempre indiferentes a estas palavras desprezenciosas e simples, zurzindo-os com a mesma sencencimônia a que se impõe a sua condição de acéfalos e afirmando-lhes perentória e altivamente: Eduardo d'Almeida, depois de Sarmiento, fulge como as demais estrélas vimaranenses de primeira grandeza!

E' escritor, é político, é tribuno, é advogado, é crítico e é o primeiro vimaranense da geração que passa. - As minhas melhores saudações à glória de Guimarães!

Há uma história que tem seu propósito. Conta Ramalho Ortigão no seu 4.º tomo das *Farpas* que existia um bom rei da Arábia, pacato e divertido, que vivendo sossegada vida em seu palácio, punha papelotes nas barbas para que encaracolassem melhor, olhava as moscas que passavam no ar com magnanimidade, atirava bolinhas de papel amarrado aos seus antepassados representados em estatuetas de porcelana, e fumava o *narguillê*, encruzado num divan. Dizia-se que o reino era satisfeito e contente. Quando algum súbdito, se mostrava descontente, o rei carinhosamente mandava que o trouxessem, passava-lhe a mão pela cara, lançava-lhe uma corda ao pescoço, e enforcava-o defronte do palácio. Depois do que, o monarca aparecia risonho a uma janela, e fazia ao país esta fala: - Meus senhores e minhas senhoras! O incomodado retira-se. Se há por aí mais alguém que não esteja satisfeito com a marcha dos negócios, que o diga!

L. COELHO.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever dos vimaranenses.

nos sumimos, em boa coerência de princípios e educação.

E' sempre esta a dúvida que na vida embaraça os homens, quando têm de aparecer a uma certa chamada de apresentação e são instados para que digam, em público e alto, o que pensam, dentro do seu sentimento de apreço, de certa e conhecida criatura, que a crença de um apostolado amigo, procura levar ao foco da homenagem.

E' preciso fazer-se, para bom desempenho da missão, um balanço seguro de consciência, e sentirmo-nos fortes na sinceridade, e fortes de pureza não acobertada.

Eis a razão porque eu apareço raras vezes, por prudência, e por ensinança da idade, ao conhecer sobejo dos homens e das gentes.

E' que na maioria, quando faço certos balanços, o meu cérebro fecha-se numa chateza perricenta e dali para Cristo...

Nem que me esforce, não posso vir a terriro...

Hoje, aqui estou, a dizer simplesmente, que daquele tempo feliz, em que a minha mocidade emprestava arrojados aos vozeiros de uma inspiração arrevesada e atrevida, guardo as melhores e mais abraçadas recordações da amizade do sr. dr. Eduardo.

Seria este, quero firmemente acreditar, o melhor capítulo de presente que poderia escrever e que mais agradaria a quem me ama.

O seu talento rompeu por além, fogueiro, galhardo, brilhante, em multiplicas faixas de estonteio, de delirio, de embriaguez.

A sua oratória disse coisas lindas, profundas, encantadas, tentadoras, perturbadoras.

A sua pena escreveu páginas e páginas de tortura, de dor, de beleza, de amor ao povo, de elogio à terra.

O seu querer a Guimarães foi, pela raridade do desinteresse e do sacrifício aturado, o mais alto, o mais sincero, o mais trabalhoso.

Mas agora, quando da luta da devoção já aquêle meu Amigo forçadamente descansa, pelo caminho dos primeiros frios da ingratitude e da descrença, estou por certo que a estima dos seus escolhidos amigos, de amor igual ao da família, é que lhe aloice ainda a alma de consólio, e deve para ele valer mais do que as cerimônias cortejadas das públicas manifestações de homenagem.

É meu caro Antonino, até o dia em que eu, em maré de folga, possa recordar esse capítulo da mocidade.

ALBERTO V. BRAGA.

Eduardo de Almeida

Pedem-me, com urgência, algumas palavras sobre Eduardo de Almeida.

Não é possível falar da personalidade complicada de Eduardo de Almeida — com urgência e em algumas palavras.

Se não se interpretasse necessariamente mal, se bem que, no fundo, com injustiça, a minha ausência voluntária, ter-me-ia recusado, com o fundamento legitimo de que sobre um homem como Eduardo de Almeida, nem se fala em poucas palavras, nem se corre.

Mas aqui estou, lembrando-me de que já por mais duma vez tenho dito a seu respeito alguma coisa do que é justo que se diga.

Saídos da mesma atmosfera, filhos do mesmo clima, como se diz agora, criados na mesma geração, temos no entanto, *et ab initio*, trajectórias diversas — umas vezes paralelas, outras vezes, divergentes.

Não sei se ele me entende a mim; não sei se eu o entendo a ele — que, por vezes, falamos linguagens irreversíveis a símbolos comuns. Mas sei que, por cima da terra de ninguém que nos separa, nunca hesitamos em dar-nos as mãos, num cumprimento que não é de flores nascidas e medradas na mesma estufa, mas tem algo de profundamente fraternal.

Tenho seguido os avatares da sua existência que tem laivos e relâmpagos de tragédia.

Sensibilidade doentamente impressionável; espirito arguto e dúctil, muito ilustrado por força das mais altas curiosidades, — Eduardo de Almeida podia e devia ser no panorama intelectual do seu país, uma figura de notável relevo, concentrando em si as atenções críticas. Arrastado impiedosamente na asa lúgubre dum Destino perverso, Eduardo de Almeida vê descer a neve sobre os seus cabelos, e baixar a sombra da noite sobre os seus olhos, sem que lhe seja possível dar a medida do seu talento superior, e dos recursos admiráveis das suas aptidões estéticas. Seu velho companheiro de há quarenta anos, reporta-me à nossa mocidade perdida e naufragada, e ponho-me a pensar na vida gloriosa que este homem teria, se tivesse vivido noutra terra, noutra hora, e com outro rumo...

ALFREDO PIMENTA.

Se a Felicidade acariciasse o homem na proporção dos seus dotes de talento e de grandeza de alma, poucos excederiam, em ventura, o Doutor Eduardo de Almeida.

Mas... Ao passar o 30.º aniversário da sua formatura, um coração agradecido lhe rende o mais

sincero preito de admiração e homenagem, desejando ao incluíto cidadão, erudito escritor e distinto advogado, todo o bem que ambicione.

JOSÉ RORIZ.

Caro Antonino:

O motivo que me levou a afastar de humilde colaborador do seu e meu querido "Notícias" ainda não desapareceu. Em virtude disto, vejo-me impossibilitado de satisfazer o seu pedido, limitando-me, apenas, a felicitá-lo a si pela feliz lembrança que teve e a pedir-lhe que me considere intimamente ligado a todas aquelas pessoas que sabem fazer justiça ao talento superior do sr. Dr. Eduardo de Almeida e, bem assim, à nobreza dos seus sentimentos e a todas as demais eminentes qualidades que ornaram o seu espirito. Trata-se, pois, de uma homenagem justíssima do N. de G., que mais uma vez mostra estar integrado na boa doutrina.

Homenagear o sr. Dr. Eduardo de Almeida, Advogado distinto, Escritor erudito, Vimaranesense prestigioso, etc., etc., é praticar uma das mais nobres virtudes que eu conheço — a da gratidão. E eis, meu amigo, a resposta ao seu amável pedido.

Seu muito dedicado

Guimarães, 27-6-935.

MÁRIO MENEZES.

SAUDAÇÃO

(Ao Ex.º Sr. Doutor Eduardo de Almeida).

Embora — Longe da vista Mas perto do coração —
Saúdo o Sábio Artista da Moderna Geração;

Scintilante Jornalista,
Orador de estimação,
Ajamado Novelista,
E preclaro Cidadão.

E mais, do grande Escritor
(Digo-o em minha ruidez
Ao Advogado inteligente):

— Doutor no Fôro; e Doutor Na Prosa, a mais portuguesa,
Quando a escreve é Eminentel!
Aguas Santas, 1935.

LEÃO MARTINS.

Meu caro Antonino:

Você é único!...

Olhe que a sua ideia de querer homenagear o Dr. Eduardo de Almeida — verdadeiro valor entre valores verdadeiros — num tempo em que só a mediocridade se presta culto e dá merecimento; numa época em que o tam-tam reclamista das grandes e pequenas gazetas bate alto e forte no nacionalíssimo desejo de nos impôr a atrevida petulância do arrivismo nacional, é uma ideia dos diabos!

Não, meu amigo, tenhamos juízo e sábia compostura de meninos bem educados e não pretendemos o arraial festivo e zaragato da feira das vaidades triunfantes.

Eduardo de Almeida não é arrivista, nem vaidoso. E' honesto, culto, inteligente e modesto. Que méritos são estes para louvar?

Não me julgue pessimista, pois isto não é pessimismo, mas tam sômente verdade.

E se não vejamos: Numa terra — pobre terra! — em que a selecção se faz quasi sempre (ou sempre?) ao invés, Eduardo de Almeida não é nada.

Não será esta a melhor homenagem que, inconscientemente talvez, lhe presta a nulidade dominante?

Perdoe, meu amigo, mas não me posso tornar seu cúmplice neste grave atentado contra a norma. Sou homem de Leis e sei quanto custa a infracção da Lei.

Ora, homenagear o talento, é infringir o costume, que Lei é isto, porém, não impede que

muito sinceramente lhe apresente os meus mais sinceros parabéns pela coragem moral revelada pelo seu gesto.

Creia na admiração do
Amigo certo

Francisco Pinto Rodrigues.

Chamamos a atenção dos nossos
leitores para a nossa 4.ª página.

Anotações sobre Eduardo de Almeida

Escreveu, salvo erro, Bergson naquele magistral ensaiozinho "Le rire" ser o riso, a crítica hilariante, instintiva do ridículo e fronteira da humanidade. O bruto conserva a impassibilidade bisonha ante o *écran* da vida, a triste figura dos Sanchos e Quixotes: só o homem ri; só o homem sabe e consegue rir.

Talvez não com menos verdade possa dizer-se que só o aristocrata sente o desgosto, a mágoa dos ridículos da vida. Traço este que subdividirá assim a humanidade nas duas falanges, uma reduzida, outra imensa, as reflexivas e as vegetativas. Só o homem ri; só o aristocrata sangra.

Eduardo de Almeida é um aristocrata.

Revela-o em tudo: nos escritos, na atitude, na mancha tão carregada de estranho pêso, na virgindade com que encara a Justiça nas farsas do fôro.

Não sei bem porquê, lembra-me um pouco Raul Brandão: a mesma ânsia de ser livre e humilde, o mesmo horror aos fantasmas — nós próprios — que empestam os sádios campos onde os robes seculares medram em santa e imperturbável paz sem mais aspirações que entroncar, beber o Sol e renovar nas primaveras as folhas que lhes morrem nos outonos, cansadas e flácidas.

Como Raúl Brandão, um simples e um bom.

Talvez, também, um incompreendido.

FERNANDO AIRES.

HOMENAGEM

Meu querido pai falando-me um dia — já lá vão tantos anos e com que saudade o recordo! — de alguns homens ilustres a quem Guimarães ficou devendo incalculáveis benefícios, citou o nome de Eduardo Manoel de Almeida, Homem que soube elevar-se e elevar os seus concidadãos e se tornou uma figura marcante na vida Política, nas Indústrias e nas colectividades, sendo estimado e venerado pelos ricos e pelos pobres, pois a todos distribuía sorrisos e favores.

Desde então o nome de tão ilustre vimaranense ficou gravado na minha memória, como gravada ficou, também, a sua obra — obra que ainda hoje é lembrada, que honra as cinzas do inesquecível morto e que a nós, vimaranenses, deve de servir de estímulo e de exemplo.

Ao conversar um dia, aqui há anos e pela primeira vez, com o Doutor Eduardo de Almeida eu pude constatar que ele tem dentro de si uma Alma Grande como grande foi, também, a Alma de seu Pai.

Outras pessoas que melhor do que eu conhecem a obra literária e jurídica do Escritor e causídico e que estão à altura, pela sua superior inteligência, de a apreciarem, dizem-nos hoje, ligeiramente embora, o que Eduardo de Almeida vale no fôro e nas letras.

Eu que com ele e de tão perto tenho convivido, sinto o dever de afirmar que aquêle espirito bem formado alberga uma Grande Alma e um Grande coração.

D. de C.

Aqui, a um cantinho da página — qual pétala de humilde flor caída da grinalda perfumeada — fica bem, nesta Homenagem que o "Notícias" promove, a Homenagem do Nosso Respeito e da nossa alta Admiração pelo Homem e pelo Jurisconsulto, pelo Escritor e pelo Jornalista — o Sr. Dr. Eduardo de Almeida.

Os Gráficos da

«Tipografia Minerva».

Pró-Monumento

Guimarães na Grande Guerra

Guimarães, a cidade de tão evocadoras tradições na História da Nacionalidade, ainda não ergueu o monumento aos Mortos da Grande Guerra, que partiram de ali para os campos da batalha e lá ficaram em coval, tantos em lugares para sempre ignorados. Os monumentos aos Mortos da Grande Guerra, que a «Junta Patriótica do Norte» lançou, e que ardorosa pléiade de defensores do brio português realizando uma maravilhosa obra de assistência, procurou estimular em todos os Concelhos, têm um alto e nobre significado de reconhecimento colectivo e de exemplar lição de civismo. Por isso, quasi todos os Municípios Portuguezes têm o seu Monumento, consagrado à Grande Guerra. Falta, ainda agora, 17 anos após o Armistício, na cidade de Guimarães. Um acaso nos deu conhecimento deste facto. Passados dias, uma voz amiga, invocando a nossa modesta situação na Comissão dos Padrões da Grande Guerra, pedia o nosso testemunho a favor do Monumento de Guimarães. E' este depoimento, que vimos fazer, recordando com emoção episódios de duas campanhas, em que tomaram parte soldados de Infantaria n.º 20, o Regimento que era de Guimarães.

Ao Livro de Ouro da Infantaria, comovido registro dos 3.573 Mortos da Arma e a essa sentida monografia «A Brigada do Minho na Flandres», que o Coronel Eugénio Mardel, seu glorioso Comandante na Batalha do Lys, enternecidamente escreveu, durante o seu longo cativeiro na Alemanha, vamos buscar à documentação inequívoca da grave injustiça, que se comete, não erguendo Guimarães o seu monumento, que traduza a gratidão do Povo pelo sacrifício máximo de alguns dos seus Filhos, tantos que, em França, em Angola e até em Moçambique, lutaram e morreram pela Pátria.

Naquelle Livro de Ouro da Infantaria, a nova Távola Redonda «constituída pela série de impressões de tão comovente verdade, registando os feitos dos nossos Soldados, narrativas sinceras dos actos de abnegação e valor, que essa massa anónima praticou, almas grandes, procurando honrar a Bandeira da sua Pátria», lá estão os nomes de 124 soldados do 20, que morreram nos campos de batalha.

Uma Ordem da 2.ª Divisão do C. E. P. diz: «Que o B. I. n.º 20 seja louvado pela disciplina, coragem e bravura com que repeliu o inimigo no violento ataque de 12 de Março, não permitindo que ele tomasse um só elemento da linha A.»

Este ataque foi violentíssimo; o Batalhão de Infantaria n.º 20 consumiu 37.000 cartuchos, 695 granadas de infantaria, 320 bombas de morteiros e 1050 very-lights; fez quatro prisioneiros, sendo um oficial; apreendeu muito material; e as perdas, foram grandes, mas o alemão foi severamente punido, não tendo alcançado os seus objectivos.

No dia 9 de Abril, ainda o 20, no mesmo sub-sector direito de Fauquissart se bate com denodo. Dias antes, o seu comandante interino, Capitão Montenegro Carneiro, dizia:

«Estão cansados, porque tendo feito a campanha recente em Africa vieram também fazer esta em França, sem o intervalo necessário ao retemperamento, trazendo daquela o paludismo e suportando nesta os rigores de um inverno nas trincheiras, com magros descansos, alojamentos abertos sem conforto, enxergas ou palha, trabalho físico violento e alimentação diferente da que em território pátrio lhes forneciam! Estão doentes, dizendo o médico do batalhão: Têm ultimamente baixado ao hospital grande número de soldados com o diagnóstico de *astenia*, e estou convencido que as baixas vão aumentar consideravelmente.»

No entanto, em 27 de Maio seguinte, uma Ordem do C. E. P. dá a toda a 4.ª Brigada, a que pertenciam os Batalhões n.º 3 (Viana do Castelo), n.º 8 (Barcelos), n.º 20 (Guimarães), e n.º 29 (Braga) a designação de *Brigada do Minho*, «consagrando o heroísmo e valor com que combateram». Ao mesmo tempo, permite-lhe o uso de uma Bandeira, oferecida por uma Comissão de Senhoras do Minho. Há mais de 14 anos, no Natal do ano 22, escrevendo ao generoso Amigo e excelente camarada Sr. Coronel Eugénio Mardel, dizíamos: «Há uma data — 9 de Abril — que deveria reunir todos os Soldados do nosso Minho. Todos os anos, nesse dia, o dia simbólico do nosso máximo esforço, o dia em que a 2.ª Divisão Portuguesa na Flandres, tão bem soube cumprir a sua missão de sacrifício, nessa data comemorando os dias grandes de esforço no Sul de Angola, de raíds e de patrulhas nas terras de neve do Norte da França, reinam-se em Viana do Castelo, em torno da Bandeira da Brigada do Minho, contingentes dos novos soldados dos batalhões de Braga, Guimarães, Barcelos e Valença num juramento de Fé no engrandecimento da República pela acção cívica de quantos sentem a responsabilidade da hora de incertezas, que a Grande Guerra trouxe nas suas tremendas conseqüências.

As municipalidades, duma tão forte influência na nossa vida colectiva, cooperariam nesse Dia do Minho e

quantos antigos combatentes não correriam a ver a sua Bandeira, a evocar os dias longínquos da sua radiosa mocidade, cada ano mais distante, contando nas suas aldeias, essas aldeias duma tão suave carícia, os episódios dessa Epopeia, em que tinham cooperado, recordando os seus Mortos, ostentando orgulhosos a sua Cruz de Guerra, o seu Valor Militar, a sua Torre e Espada, a sua Medalha da Vitória ou a sua simples Medalha Comemorativa.»

Recordemos este apêlo, que não foi ouvido. No entanto, outras Terras do Minho têm o Monumento, que falta em Guimarães. Também o Batalhão de Infantaria 20 foi esquecido nas mais altas recompensas de campanha, conferidas em 1919 e em 1920: Medalha de ouro de Valor Militar ao 3, Cruz de Guerra de 1.ª Classe ao 8 e Medalha de ouro de Valor Militar ao 29. No entanto, coisa alguma justificava a excepção. Do 20 diz o saúdoso e austero Coronel Adolfo Barbosa, que foi o Comandante querido da *Brigada do Minho*: «A minha brigada durante o mês de Março de 1918, no Sector de Fauquissart, que guarnecia desde o princípio de Fevereiro, continuou, não obstante os ameados ataques contra a frente portuguesa, a conservar intacto o sector que lhe havia sido confiado, salientando-se o batalhão do 20, que com bravura e coragem repeliu o inimigo...»

Por inexplicável sestro, uma reorganização militar atinge apenas o 20 de Guimarães, transferindo esta unidade.

Atuando àquela excepção, o espírito justo do Comandante do C. E. P., o saúdoso General Fernando Tamagnini, afirmou, em 12 de Julho de 1922, que o Batalhão de Infantaria n.º 20, que como aqueles se distinguia, não recebeu ainda o merecido galardão.

Estou confiado, em que lhe será conferido, algum dia, quando o Ministro da Guerra tiver conhecimento da desigualdade havida entre unidades que, lado a lado, e com a mesma coragem, se esforçaram por garantir a Honra da Pátria e levantar o nome do Exército.»

Com as palavras autorizadas do Chefe Supremo do C. E. P. concluo este depoimento, que nos foi solicitado.

Oxalá que em um dia próximo, Guimarães inaugure o seu Padrão da Grande Guerra e nesse mesmo dia os sobreviventes do histórico Batalhão de Infantaria n.º 20 recebam a alta condecoração, que os seus Irmãos da gloriosa *Brigada do Minho* ostentam há mais de cinco lustros

CORONEL HENRIQUE PIRES MONTEIRO.

Coronel Pires Monteiro

Mais uma pedra e das mais preciosas oferece, hoje, o Ex.º Coronel de infantaria com o curso do Estado Maior, Henrique Pires Monteiro, ao «Notícias de Guimarães» para depôr no monumento moral que, há anos, anda levantando, com devotado amor bairrista, o nosso ilustre colaborador que usa o pseudónimo de Manuel de Guimarães. Ao Ex.º Coronel Pires Monteiro, antigo Ministro e antigo professor distinto da Escola Militar, combatente do C. E. P., membro da Comissão dos Padrões de Guerra e devotado defensor da sua arma de origem, como escritor militar de justo renome, agradeço, muito pehoradamente, o «Notícias de Guimarães» a gentileza extremada da sua valiosa colaboração em prol do monumento aos mortos da Grande Guerra.

Dr. Francisco Soares

A este ilustre Magistrado, Delegado do Procurador da República nesta comarca, acaba de ser feita Justiça as suas faculdades de trabalho e inteligência.

Depois de ter feito a inspecção à comarca, o Conselheiro que a ela procedeu, ficou tão bem impressionado pela maneira como Sua Excelência desempenha as suas funções, que o Conselho Superior Judiciário publicou o seguinte acórdão:

Acórdão do Conselho Judiciário: — Em classificar de «MUITO BOM» o Delegado do Procurador da República na comarca de Guimarães, Dr. Francisco Soares, que serve na comarca desde 22 de Agosto de 1931, com «assinado mérito», diz o relatório da inspecção. E' bastante inteligente, estuda muito; as suas promoções são bem cuidadas e bem trabalhadas. De um grande equilíbrio em todas as suas faculdades, a sua orientação é sensata e o seu trabalho altamente proveitoso para a boa administração da justiça. Não lhe foi apontada qualquer falta e o snr. Inspector reputa-o um distinto Magistrado. Lisboa, 12 de Junho de 1935. (a) Heitor Martins — A. Brandão — Aires de Castro e Almeida — Francisco Goes César dos Santos. Está conforme. Secreta-

ria da Procuradoria da República junto da Relação do Pôrto, 18 de Junho de 1935.

Em face disto, apresentamos os nossos cumprimentos ao ilustre magistrado, que toda a gente respeita e considera pela sua integridade de caracter, pela justiça que lhe acaba de ser feita.

Agora, sim!

Da mui nobre e elegante *Tôrre da Alfândega* já foram retirados os paus do guincho que imaginávamos ter sido ali postos para criarem raízes. Está o passeio desafogado, e nenhuma necessidade há agora de andar a saltitar por cima de arames, pedras e pedrinhas, esbeirando os sapatos ou correndo o risco de rasgar as calças.

A-pesar-de tudo, quem reparou no maravilhoso da obra? Agora, sim, que até parece um poço, com roldana, polé e tudo!!!

Que pena não vir a Guimarães uma nova embaixada de intelectuais!

Só nesta terra!

Nanja dúvida que nesta terra anda tudo sem rei nem roque.

Agora, com a febre da limpeza dos prédios, o cidadão pacífico que se agüente e disponha a engolir cestos de calça e pó, quando não se veja sujeito a ser corrido por uma saraivada de areias ou pintalgado como qualquer saramela!

E' impossível, mas é permitido, o que equivale a dizer que tudo em Guimarães anda a pedir vassoura ou brocha. E não há uma onda de mar que venha fazer uma sã limpeza!

O' Guimarães, teu progresso, tua vida...

A Comissão há pouco organizada entre nós para promover a construção de um Dispensário de combate à tuberculose, recebeu da Direcção Geral de Assistência Nacional um officio de onde se extrai a seguinte passagem:

«... presentemente torna-se-lhe impossível, visto que estão sendo construídos em todo o País e a ultimarem-se, cerca de 40 Dispensários, e não podemos tomar novos encargos sem que os actuais estejam terminados».

E, a fechar, este comentário inserto no mesmo documento:

— «Pena foi que Guimarães se tivesse (em 1932) desinteressado do assunto... Se assim não fosse, o Dispensário anti-tuberculoso de Guimarães seria hoje um facto, como são os de Braga e Barcelos.»

— Edificante!...

Como resolver o caso?!

Sem melindres para ninguém. Contudo, o assunto tem o seu quê de importante, uma vez que se avizinha a *Romaria Grande de S. Torcato* e não descobrimos «furo» para... dar vasão ao trânsito da antiga *rua 31 de Janeiro* e nova de *Santo António*.

Simplemente isto: desanuviar a rua do tapume que veda aos curiosos o olhar das obras na antiga casa do *Caldeireiro* e a remoção das pedras para o passeio.

E' realmente prescindível e, sobretudo, humano.

MEIAS-PEUGAS-SOQUETES

O MAIOR SORTIDO

AOS MELHORES PREÇOS

NA

Camisaria Martins

Casa das Meias

Roupa branca para casear

Aceita-se

na

CASA DAS GRAVATAS

PIANO

Vende-se um, vertical, para estudo,

em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Como eles são!...

De «O Século», de 23 do corrente, transcrevemos com a devida vénia:

O traje regional vianês

Viana do Castelo, 22 — T. — Nesta cidade, foi hoje adquirida, pela comissão de Turismo de Braga, uma boneca com o traje regional das lavadeiras ou camponesas vianenses a fim de figurar no concurso de bonecas regionais a que «O Século» de hoje se refere, e que será o preleminar da exposição de Londres.

Como o traje regional de Viana do Castelo, só usado neste concelho, não deve ser apresentado senão por esta cidade, a Comissão de Turismo local, logo que teve conhecimento do facto, telefonou ao sr. Governador Civil de Braga e à respectiva Comissão de Turismo, protestando e pedindo que aquela cidade não insistia no propósito de apresentar como seu o que só a Viana do Castelo pertence.

Erro maior

Informam-nos que o «mictório» raptado do Largo da Senhora da Oliveira foi transferido para debaixo dos arcos da Câmara, em canto escondido, longe dos olhares indiscretos. Relevam a falta e justificam-se quando põem de frente a pudicícia dos habitantes daquele largo.

Mas... pergunta-se: não há uma luz que indique o local ou terá o transeunte paciente de adivinhar que foi feita tal transferência, só porque não se deseja ver ferido o pundonor de... quem usa e abusa da curiosidade?

Atitudes

Porque pessoalmente e publicamente demos plena satisfação ao sucessor do «Marca 35» sobre a publicidade duma carta que nos havia sido dirigida, na semana finda, ao sãbe-la publicada num dos últimos números dum jornal local, ao público damos o direito de avaliar do pretenciosismo do firmante da carta, garantindo-lhe o nosso desinteresse por quaisquer esclarecimentos que sobre ela teríamos de fazer, leal e sinceramente.

Anúncio de NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

HERMA

INSTITUTO DE BELEZA

Braga — Rua Miguel Bombarda, 39 (Junto à Arcada)

Montado com todos os requisitos modernos, comodidade e asseio.

Efectuam-se todos os trabalhos de Cabelo e de unhas tais como: ondulações permanentes, Anarcel, mise-en-plis, massagens, manicure, etc.

A secção de Cabelo e de unhas está sob a direcção de:

M.ª Herta (do Salão Várzea, do Porto)

A secção de beleza é dirigida por:

M.ª Francelina do Instituto Imperial de Beleza, do Porto

PREÇOS MÓDICOS Pessoal exclusivamente feminino

O REINADO DOS MIRANDAS

Um leitor do «Notícias de Guimarães» — em carta dirigida ao digno Director deste apreciado semanário — deu uns retoques bastante sensíveis na biografia de certo cavalheiro cuja vida profissional está cheia de atropelos e de arbitrariedades, como já em tempos se provou, mas sem que essa prova produzisse os seus efeitos, porque o alvejado agarrou-se a tudo e a todos para conseguir que justiça não lhe fosse feita. Infelizmente assim aconteceu, verificando-se, então, mais uma vez, que a maior protecção é geralmente dispensada aos maiores criminosos. Mas, se isso succedeu noutros tempos, — e isto devia passar-se em 1922 — estamos certos de que o mesmo não sucederá presentemente, a não ser que o indivíduo atingido tenha o privilégio da intangibilidade ou seja beneficiado por meio de um procedimento de excepção, o que não nos parece viável, justiça que nos apraz fazer aos bem intencionados defensores do Estado Novo. E porque assim pensamos, nenhuma dúvida temos em afirmar que o sr. Manuel Augusto Ribeiro de Miranda, que é susceptível de errar — como todos os homens — também há de ter quem lhe peça rigorosas contas dos seus erros, desde que esses erros não podem ser perdoados por um simplesmente arrependimento nem tão pouco por uma generosa protecção, que, neste caso, passaria a protecção escandalosa. Mas, como seria possível proteger — ou mesmo encobrir — faltas de suma gravidade como aquelas que tem cometido no exercício das suas funções o citado sr. Miranda? Como seria possível, independentemente do motivo anterior, não dar uma satisfação a todas aquelas pessoas — que são muitas — que têm conhecimento dessas irregularidades? Como seria possível, ainda, prestigiar a política actual com a inobservância da lei que manda castigar os delinquentes, sejam eles quais forem? Por tudo isto se pode verificar que não existe desacórdio entre quem escreve estas linhas e quem está, incondicionalmente, ao lado da moralidade. E, como muito bem disse um leitor do N. de G., é preciso acabar com o reinado dos Mirandas, para que, juntamente, acabe um pontado que de forma alguma deve existir dentro de uma política que procure fazer justiça a todos, sendo essa justiça extensiva a todos que devem ser castigados. Se o cidadão em referência tem cometido irregularidades conscientes — como se poderá provar em qualquer altura — e porque não há de ser punido como o têm sido tantos outros? Nós, que também sabemos ser benevolentes, não admitimos, no entanto, a benevolência, quando as suas consequências se transformem em escândalo. De outra maneira, não compreendemos o significado da palavra justiça. E nestes termos, concluímos:

Perseguir, nunca! Moralizar, sempre!

Um amigo da moralidade.

N. R. — Não costumamos dar publicidade a escritos anónimos, mas como no presente caso se trata de um assunto do qual temos seguro e justificado conhecimento, não nos repugna fazê-lo, tanto mais que as referências feitas não vão além do que nós reputamos verdadeiro.

ANÚNCIO

No dia 80 do corrente mês, pelas 14 horas, no lugar da Serqueira de Baixo, freguesia de Infantas, desta comarca, e na acção sumária que Camilo de Menezes Azeias, casado, proprietário, da rua Gravador Molariño, desta cidade, move contra António Mendes e mulher, lavradores, da Serqueira, daquela freguesia de Infantas, se hão-de arrematar e entregar a quem maior lance oferecer acima do preço porque são postos em praça, diversos moveis penhorados naquela acção.

Para a praça são citados quaisquer credores incertos, a fim de deduzirem os seus direitos.

As despesas da praça, ficam a cargo dos arrematantes.

Guimarães, 21 de Junho de 1935. Verifiquei.

O Juiz de Direito, Silva Leal.

O chefe da 4.ª secção, Domingos Gouveia Lourenço de Moura.

«Nunca mais eles me poderão perdoar» — respondeu, sacudindo ligeiramente a cabeça. «Procurarão dar-me cabo da pele. Há muito que o sabia. Porém, isso para mim é indiferente, completamente indiferente. O que eu faço hoje, já mais causar-me-á aflições. Há quatro dias, este é o primeiro momento em que posso respirar livremente. Ah! Já

respiro!» — e abria a bôca, e as narinas, como se o ar fresco desta bela noite meridional diminuísse a sua febre interior. «Meu caro senhor: o senhor não tinha querido voltar a ver o menino, e o sr. deve calcular porquê. No entanto, asseguravam-me que era bem tratado, mas que se recusava a comer. Por causa disso, todos principiarão a ficar um pouco inquietos... e eu fiquei tanto ou mais que eles. Enfim, nesta manhã, não me pude conter mais. O pequeno estava fechado num quarto, no 2.º andar, com uma janela que dava para a campina. Joana tinha saído no automóvel com os outros. Arranjo uma escada e subo. Através do caixilho eu vejo o sr. Edmundo deitado na cama, completamente vestido, e tão pálido!... Bato nos vidros. Que devia dizer-lhe? Que ia eu fazer? O que sabia? Eu sabia que não podia suportar vê-lo

naquele estado. Ele ergueu a cabeça. Reconheceu-me imediatamente... mas o seu aspecto, o seu olhar, o seu entusiasmo! Podem-me matar, se o quiserem, mas confesso que morreia, eu, se continuasse a traír uma criança que tinha uma absoluta confiança em mim! Muito rapidamente abre a janela, sem uma hesitação e sem receio de qualquer suspeita. Ele acreditou que andava em sua procura e que o tinha encontrado. Acreditou-me sempre... Então não reflecti mais. Não lhe dei mais explicações. Disse-lhe: «Venha depressa». Estava tão fraquinho! Pulou ao carruchoque. Desci pela escada. Depois, encosto-a à parede do jardim. Transpuzemos a parede. E, com a criança às cavalizas, dou-me a correr, a correr... Paro numa estalagem para lhe dar uma sopinha quente. Estávamos na estrada que vai dar ao caminho de ferro que liga a Toulon. Dirijo-me para lá. O comboio chega. Subimos para uma carruagem. Chegamos a Toulon, alugei um auto. E depois, tive medo de que nos perseguissem e vies-

sem esperar-nos perto da quinta do sr. Richard. Deixei o automóvel para os despistar. Pensei no senhor. Conduzi o menino para aquela cabana, atrás da parede, que eu já conhecia. Vá lá buscá-la, meu caro senhor, e depois fará o favor de ir procurar o pai...»

«E tu?» — perguntei-lhe. «Sim, é preciso que vás falar com o sr. Richard... E' preciso...»

«Não, meu senhor» — respondeu com firmeza. «Primeiro, porque só tenho o tempo necessário para me salvar, se desejo que não ine encontrem, e depois, o sr. Edmundo saberia quem eu sou. Sempre apaixonaria alguém que lho dissesse. Vale mais que eu desapareça, e de repente... Por aqui, senhor... E' nessa cabana que ele vos espera» — e apontava-me do alto da parede do parque. «E' bom procurar o lugar melhor para passar». Ele já estava de estancha — pernas sobre o muro e estendia a mão para ajudar-me. Um salto de dois metros, e achava-me em frente da cabana: — «Edmundo!» — chamei.

«Estou aqui», respondeu-me a criança. «Mas onde estás, Didier?» O chauffeur, tinha desaparecido, como havia dito.

V

Esta aventura teve o seu epílogo, que me abstenho de comentar. Oito dias depois, lia-se nos jornais, o telegrama seguinte: «Melun, 14 de Dezembro. Acaba-se de descobrir na floresta de Fontainebleau o cadáver dum homem, com ferimentos que lhe deviam ter causado a morte. Pelos papéis encontrados nas suas algibeiras, pôde-se fazer a identificação deste indivíduo. E' o conhecido chauffeur Didier, temível apache que a polícia procurava como cúmplice do roubo, seguido de assassinato que teve lugar, no passado verão, na quinta Mosé, em Deauville».

O infeliz, tinha tido razão: os seus companheiros não lhe tinham perdoado.

FIM.

Pelas tertúlias... e cafés

Há dias, numa tertúlia e centro de cavaco muito conhecida dos habitantes de Guimarães, em conversa amena, alguns habitués — e vá lá todo o francês da conhecida poesia: — *divisaient des choses de... la ville.*

Falava-se dos progressos cidadãos, das propostas... benfazejas, e — o eterno «panache», vimaranense! — exalçava-se o tic que a gente da velha Araduca tem pelo respeito que lhe merece os seus Maiores.

Monumento a A, placa a B e glori-ficação a C.

A meio da conversa, em tom «bairrista», fala-se no Gravador Molariño. Disute-se a escolha do local e aprecia-se com acalorada paixão o modernismo do monumento.

Em determinada altura, uma voz se ergue:

— Eureka! Eureka!

— O quê?! — perguntam os espiritos mais ávidos de boas... informações.

— O local... foi escolhido à maravilha. E' que na Feira do Pão nenhuma outra coisa se adaptaria melhor do que o monumento ao Gravador... Moleirinho.

Si non es vero...

O foot-ball continua a ser o prato do dia. Após o desajo de domingo, pela noite dentro e dias seguintes, as discussões tomam calor e nada há que pare as sapiências que, em ar de intellectualidades, se estaleiam e berram de sobremaneira alto:

— O «Porto», é o melhor grupo!

— O «Porto! Onde está o placard?

E assim, hora a hora, minuto a minuto, é um pavor que obriga muitas vezes a fazer — *chiu!* — a quem não cessa de clamar: — «O «Sporting», é o meu grupo!» — mesmo que só o conheça pelos jornais.

CARA SEM UNHACA.

GAZETILHA

O Sr. Moura da Pisca Bota espiche na imprensa, Mas deixou uma tal bisca Mas nos causou pena imensa

Pois diz que numa local (isto é sério, eu não brinco) Se apunhá-la no jornal A marca do 35.

Por não ser o príncipe Carlos Mas o príncipe Luiz, Que abraçou o 35, Eis o que Se Moura diz.

Além disso não foi «spada Mas a dúzia de talheres Que ao D. Filipe foi dada, — Eis do Se Moura os saberes.

E mais diz «é lamentável Esta grande falsidade, Mesmo até imperdoável Crime de tal gravidade,!

Podeis pois crer que não brinco: Se não vinha do estacada A mendriça do Se Moura, A do célebre 35 Tinha sido apunhalada!

ARENDAD.

Alfredo de Araújo Leão Martins

AGRADECIMENTO

Sua esposa, vem por este meio agradecer com o maior reconhecimento a todas as pessoas que de uma maneira tão carinhosa se associaram a grande dor que tão cruelmente a feriu e amargurou, assim como às que se dignaram assistir ao seu funeral.

Guimarães, 29 de Junho de 1935. Maria Aurora Ferreira Sampaio Martins.

Capitão Manuel da Silva

Ontem, dia 29, passou o aniversário natalício deste distinto oficial do exército e nosso ilustre colaborador que, vivendo longe de Guimarães, tantas e tantas vezes tem agitado, nestas colunas, a sua pena brilhante, na defesa dos interesses desta terra, quer sustentando, persistente e inteligentemente a campanha em prol do monumento aos Mortos da Grande Guerra, quer incitando os vimaranenses, a quem tanto estima, ao cumprimento dos seus deveres de ordem moral e cívica, quer, ainda, louvando e aplaudindo as boas iniciativas e colaborando nas mais justas campanhas.



Na passagem do seu aniversário natalício o «Notícias de Guimarães» saúda o seu distinto colaborador e amigo, felicita-o sinceramente e faz os mais ardentes votos pelas suas felicidades.

FUTEBOL CLUB DO PORTO

Visita-nos, hoje, pela 3.ª vez, o glorioso agrupamento do F. C. do Porto que às 17 1/2 horas realizará um sensacional encontro, no Campo de Benlhevai, com o grupo de Honra do V. S. C.

Com esta visita estreitar-se-ão, mais ainda, os laços de amizade entre os dois Clubs, verdadeiros arautos do Desporto Norteno, e entre as Cidades que dignamente representam. Pelas

16 horas se realizará a manifestação de «boas-vindas» do Campeão da 1.ª Liga, que serão recebidos gentilmente pela C. A. do «Vitória» e pelas damas vimaranenses.

PROPRIEDADE

Vende-se, na freguesia de Salvador de Souto, no lugar da Azenha, com estrada à porta.

Falar com o Dr. Francisco Rodrigues.

Todos os pretendentes devem comparecer no escritório do mesmo advogado, quarta-feira 3 de Julho, às 15 horas.

FESTAS A S. CRISTÓVAO

De há bastantes semanas que vinham chegando até nós ecos de entusiasmo que brotou dos corações dos briosos motoristas vimaranenses, ao verem aproximarem-se a data das suas festas em honra do seu Patrono — S. Cristóvão.

As notícias vindas a público eram já insuficientes e nós que temos por tudo que tenda ao engrandecimento de Guimarães a maior dedicação e interesse não estamos de bem com a nossa consciência, dizendo apenas, de semanas a semanas, lacónicamente, que se trabalhava, que as festas seriam grandiosas, etc.

Por tal motivo procuramos avistarmos com o presidente da comissão organizadora das festas, o nosso amigo sr. Abel Machado, que nos recebeu amavelmente e que, pondo de parte as suas ocupações nos disse:

«Estamos satisfeitos. O acolhimento do público tem sido franco, animador.

«Isso basta para que os ânimos não arrefeçam, dizemos.

«Não arrefeçam, creia, meu amigo.

«E programa?

«Não pensamos ainda em organizá-lo, contudo posso afirmar-lhe que no sábado dia 20, haverá várias de monstrações festivas na cidade, o jantar de confraternização na Penha e, possivelmente, um arraial nocturno naquela Estância.

No domingo haverá uma missa campal, bênção de automóveis e bênção da Imagem de S. Cristóvão, diversas demonstrações festivas, a Corrida da Rampa e, à noite, um atraente festival com iluminações, fogo de artifício e música.

«Bravo, dizemos, os srs. mostram que querem vencer...»

«Faremos, afirmou-nos o sr. Machado, tudo quanto caiba em nossas orgas.

«E já não é pouco, rematamos. Diga-nos uma coisa. Falou nos na bênção do Santo...»

A Comissão adquiriu uma linda Imagem de S. Cristóvão, obra prima dos distintos esculptores Maías, Irmãos, de Castelo da Maia, que tem 1,20 de altura e que está a ser encanado em Braga na oficina do sr. António Alves. Essa Imagem será solenemente benzida e ficará à veneração possivelmente na capelinha de Santa Catarina.

«E sobre a Corrida da Rampa, que nos diz?

«Como o meu amigo sabe, esse número não está a nosso cargo. No entanto também nos esforçamos pelo seu bom êxito.

A corrida deve marcar. Serão disputados este ano prémios valiosos não só em objectos de arte e em taças como também em dinheiro.

«Os trabalhos estão adiantados?

«Creio que sim e como o Automóvel Club de Portugal tomou isso à sua conta, deve estar garantido o sucesso.

«Bem o que se quer é que isto corra o melhor possível e não surjam dificuldades, pois enquanto os srs. traíbam pelas festas que lhe pertencem, Guimarães inteira descre e dorme à volta das gloriosas Festas da Cidade.

A LUTUOSA DE PORTUGAL

(Associação de Socorros Mútuos)

S E D E : Avenida das Nações Unidas n.º 168 PORTO

ÉDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

Para os devidos efeitos se publica que, em Guimarães, no dia 13 de Junho do ano corrente, faleceu o sr. Alfredo d'Araújo Leão Martins, que era sócio n.º 7.978 de A LUTUOSA DE PORTUGAL e residia na Rua da República, sem ter deixado declaração para entrega dos subsídios único e suplementar.

Por este motivo, são convocadas a habilitarem-se perante a Direcção da mesma LUTUOSA, de harmonia com o artigo 49.º do Estatuto, as pessoas que se julguem com direito a aqueles subsídios.

Porto, 22 de Junho de 1935.

O Presidente da Direcção, Manuel Joaquim Tavares da Costa.

Lêde e assinaí o «Notícias de Guimarães»

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, ficamos de fora bastante original, entre o qual, correspondências do concelho, etc., etc.

A situação alitiva duma pobre Senhora

Loitores! vinde em seu auxilio

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, rapidamente, a triste história duma desventurada Senhora: Veio à nossa redacção uma pobre senhora — Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade — que nos fez um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãe — uma velhinha que tem no rôsto a expressão nítida da dor — e falou-nos da sua aflitiva situação, o que nos impressionou imenso.

Necessita a desventurada senhora de adquirir uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita que perdeu há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200\$00. Não é muito, mas para ela é urna importância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a quantia de 20\$00 e os nossos leitores e amigos vão ajudar-nos — temos disso a certeza — na missão a que nos propusemos.

Recebemos mais : A. S. B. 10\$00 Transporte 163\$50 A transportar . . . 173\$50

FERNANDO AIRES ADVOGADO R. República - GUIMARÃIS

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO ADVOGADOS Escritório - R. Gravador Molariño, 32 (Baixos da Assembleia) TELEFONE, 58

COFRES DA FABRICA TOMAZ FOGÕES CARDO/O SO VENDE JOAO TOMAZ CARDOSO 24 DA BANDEIRA - PORTO - JUNTO AO THEATRO

Banco de Portugal Dividendo do 1.º semestre de 1935

Encontra-se em pagamento este dividendo, na razão de Esc. 22\$50 por acção, cativo dos impostos legais, pagando-se por cada acção, nominativa a quantia líquida de 19\$98 e por cada acção averbada ao portador a de 18\$73.

Recomenda-se aos Srs. Accionistas, para regularidade do serviço, que mencionem os títulos averbados ao portador em relações diferentes dos dos títulos nominativos

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães. Os Agentes, António de Lencastre, Heitor Campos

CAMISAS GRAVATAS APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES

LOJA DAS CAMISAS Junto ao Café Oriental

MODISTA Executando com perfeição os mais recentes figurinos, oferece-se para trabalhar ao domicílio. Informa esta redacção.

FOLHETIM

O APACHE

De PAUL BOURGET (Tradução de L. COELHO).

X

«Nós caminhávamos sempre... Vinte vezes se me afezrou a ideia de voltar para trás. Os outros iriam denunciá-me. Tanto peor... O meu génio mau impelia-me, a minha paixão por Joana. Chegamos perto d'Ollioules. Reconheci-a na estrada, ao fazer-me sinal para afrouxar, como se havia combinado. Cinco minutos depois, apareceram os 3 bandidos. Eu paro, pretextando uma panne. Os três homens atiram-se sobre nós. Um deles sobe para o meu lugar, empurra-me, toma o volante. Os outros dois saltam pela parte traseira do carro e prendem o

Desporto

Dois bons triunfos — Tratamento de «café» — Palavras do novo vice-presidente da C. A. do Vitória Sport Club — A história duma taça.

Na quinta feira, 20 deste mez, jogou em Beilhevi o Sporting Club da Póvoa de Varzim, e foi vencido num jogo interessante, por o elevado score de 6-2. Resultado justo e merecido para o vencedor.

Na véspera de S. João, jogou também nesta cidade, o Varzim Sport Club da mesma praia, e perdeu por 6 bolas a 4. A primeira parte, terminou com o resultado de 6 a 2 a favor do Vitória, vantagem demonstrativa da melhor actuação nesta parte. Na segunda os alvi-negros fracccionaram-se, permitindo uma largueza de movimentos aos pozeiros, sem contudo se deixarem dominar. Dos jogadores; Vitorino, o mais novo dos alvi-negros, vai caminhando com agrado e José Maria, caminhando em sentido opposto. Machado, por má colocação, permitiu duas bolas ao adversário, por não ter marcado convenientemente os contrários de seu lado. Bravo, jogou mal. «Biri», é uma guarda-redes com habilidade, mas precisa de ginstar-se bem, para ser mais mexido e mais destro.

Na quinta-feira 20, um team mixto do grupo local, foi jogar a Negrelos com o Desportivo das Aves, que, na semana anterior, tinha jogado nesta cidade e correctamente vencido por 9 a 1. Mas lá na «tribuna», o sentido da correcção é outro, porque a educação também é defendida doutra maneira, e consequentemente, o instinto selvagem que possuem estes centros semi-civilizados, mostra-se com facilidade; como neste caso. O jogo não terminou, porque os jogadores do Vitória, foram allados das mais infames agressões, e do que resultaram feridos: Faria numa mão, Mário na face direita, Costa na boca, Laureta II numa vista, Laureta I numa canela. Foram agredidos a poutapé, a murro, a pau, etc.

Do mesmo se queixa o Desportivo do Porto, que também foi tratado com os mesmos requintes de galanteria «café». As advertências que fizemos aqui há quinze dias, sobre a visita a estes centros pequenos, tiveram confirmação bem rápida e conclusiva.

Na posse da nova Comissão A. do V. S. C., usaram da palavra diversas pessoas, e de entre ellas desejamos realçar pela sua oportunidade e pelo seu valor, o discurso do Ex.º Sr. António Faria Martins. Falou o novo vice-presidente, da necessidade da criação de um curso de gymnastica infantil para as crianças das escolas; de fomentar novas modalidades a dentro do Club; de conseguir um maior numero de dedicação; e, elogiando as virtudes e qualidades do Desporto, põe em contraste a falta de educação física que hoje sente, por seus pais, a quem se refere com dedicação, não lhe terem ministrado a par da educação moral e social recebida. Tem esta frase, sincera e curiosa, «eu, não quero que amanhã, os meus filhos digam de mim, o mesmo que hoje digo de meus pais». O valor e o alcance destas palavras é imenso, porque encerram verdades como punhos e são duma oportunidade flagrante. É preciso criar o espirito do Desporto; é preciso intensificar a propagação das suas virtudes e dos seus beneficios e precisamente ministrada, se pode avaliar o valor e o sentido desportivo.

Dirigi-se no final este valioso membro da C. A. do V. S. C., a imprensa, pedindo o seu auxilio e a sua assistência. Daqui, deste lado, incondicionalmente pode contar com o nosso infimo valor, para o prestigio e dignificação da causa desportiva.

A história duma taça

Pequenina e sem valor, a levaram dum joalheiro para terras duma aldeia. Existiam nessa aldeia, uns senhores, bem postos, de falas em sorriso, que resolveram um certo dia, em concilio, organizar um torneio de foot-ball, para disputa dessa taça «pequenina e sem valor». Longe, foram buscar um grupo de nomeada, para jogar com um grupo de valor mediocre, dali perto, no campo desses senhores.

A differença entre os contendores era grande, e o peor vence o de nomeada contra toda a expectativa, e, lança aos quatro ventos a noticia dessa façanha inaudita, proclamando um valor e um poderio, da consistência duma bola de sabão. Segundo o contracto fechado, o grupo de nomeada, receberia pela deslocação mil escudos, e, na segunda volta, jogaria em sua casa e pagaria 45000 e 20% da receita, aos organizadores, para a deslocação do outro grupo. No caso do empate nos dois jogos para a taça, exemplo; uma vitória e uma derrota, jogariam mais trinta minutos. O grupo vitorioso no primeiro jogo, apaixonava-se pela taça «pequenina e sem valor», olha para ella dia e noite, descobriam-lhe encantos desconhecidos, afagava-a carinhosamente, como fazia a primeira amante, e resolve nunca mais, sejam as consequências quais forem, separar-se dela, perde-la para sempre.

Falta-se, não se cumprem contractos de antemão fechados, que importa lá isso, que importa que fiquem fazendo uma ideia pessima da nossa honestidade? Mas a taça

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)

Falecido D. Jaime, passou o ducado de Guimarães para D. Teodósio I. 5.º duque de Bragança, nascido em 1504, no paço novo do Reguengo. Tudo quanto diz respeito ao seu nascimento se ignora.

Causou reparo — diz um documento inédito — a imposição deste nome com que D. Jaime mandou baptizar seu filho Cusou novidade. Os nomes pouco usados — continua o documento — que D. Jaime poz a seus filhos como D. Constantino e D. Fulgêncio dão fundamento para se presumir que fóra capricho seu; porém não falta quem afirme que a duquesa sua mãe ainda assustada com a trágica morte... do duque D. Fernando, não querendo seguir o costume geralmente observado de se darem aos primogénitos os nomes dos avós, prometera dar a seu filho o nome do santo em cujo dia nascesse.

O que se sabe é que foi sua ama D. Brites Velho, filha de Fernão Velho, casada com António de Abreu, filho de Francisco de Abreu, senhor de Regalados.

Decorrido porém pouco tempo depois do falecimento de D. Jaime passou o ducado de Guimarães de D. Teodósio I para D. Duarte que foi o quinto possuidor daquele titulo. Era este irmão do rei D. João III e recebeu o ducado pelo seu casamento com D. Isabel, em 1537, irmã do duque de Bragança, segunda génita do primeiro casamento do duque seu pai, com a inditosa D. Leonor Mendonça de Gusmão. D. Duarte tinha então 21 anos, tendo nascido em Lisboa. Erudito, sabia várias línguas entre ellas a latina. Seu tio o cardeal infante D. Henrique tentou dedicá-lo à carreira eclesiástica, chegando a dar-lhe Ordens menores. D. Teodósio I foi quem tratou deste casamento, cujos preliminares já tinham sido encetados por seu pai. Para tal fim dirigiu-se aquelle duque a Ev'ora, onde o rei se encontrava, e, apesar de ainda não ter terminado o tempo de luto, ficaram logo terminadas as negociações sobre tal assunto, ficando também determinado o dia do casamento. O ducado de Guimarães foi-lhe dado com autorização régia e mais 2 milhões de cruzados, sendo um imposto nas rendas do senhorio desta então vila, 10 mil que era a quantia em que estava avaliado o respectivo castelo e 500 mil em um juro real e outros tantos tirados do almoxarifado da Serenissima Casa de Bragança.

Afora tudo isto brindou a nova duquesa de Guimarães com muitas e preciosas jóias e pratas, ficando desobrigado de pagar-lhe as legítimas do pai e mãe que orçavam só a desta em 12 contos. Durou porém pouco este casamento, pois decorridos pouco mais de 30 anos, D. Duarte faleceu em 20 de Outubro de 1540. Nasceram deste consórcio duas filhas D. Maria e D. Catarina e um filho póstumo, em Almeirim. Nasceu cinco meses depois do falecimento do pai, em Março de 1541 e tinha o mesmo nome e sucedeu lhe neste ducado. Foi portanto sexto duque de Guimarães um segundo D. Duarte.

Segundo um códice da Academia das Ciências com o n.º 319, intitulado Livro de doações, se sabe que D. João III por um alvará confirmou o titulo de duquesa de Guimarães a sua cunhada D. Isabel enquanto não nascesse o filho a quem dá o mesmo titulo por o irmão dele, rei, lho pedir dias antes de falecer, com todas as honras, insignias, preeminências, precedências, prerogativas, graças, isenções, liberdades, privilégios a que tem direito e sempre usaram e por direito e costume lhes pertencem dos quais, de todo e por tudo quero e mando que ele use e possa usar e lhes sejam guardados em todos os outros tempos em que por direito uso e costume delas possa usar sem minguento algum e por certidão lhe mandei dar esta carta assinada e selada do meu selo de chumbo. O rei no mesmo alvará dava também ao futuro sobrinho todos as honrarias e terras de que o pai era senhor e donatário, como os da Maia, de Mouta Longo, o julgado de Guilhofrei e de Borba de Quinhones (?) os castelos e cidades da Guarda e Lamégua, o castelo e vila de Loulé, Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Rodrigo, o castelo e alcaidaria mor da mesma vila com todas as honrarias rendas, portagens, foros, tributos, pertenças,

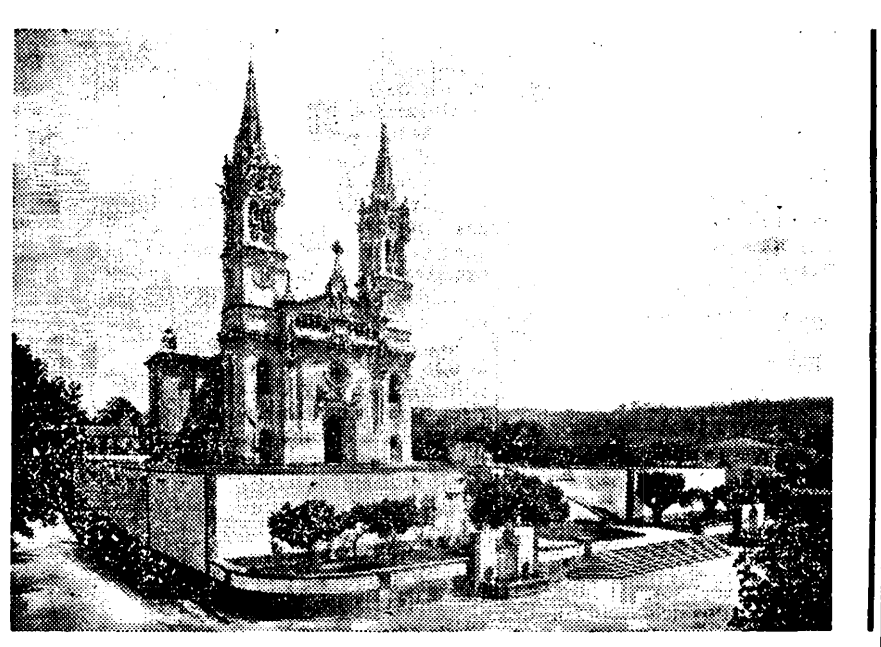
sair das nossas mãos, isso é impossível! Os organizadores al veem, fazer eco dessa estranha resolução, na véspera do segundo encontro, e depois, de larga discussão e diferentes alvitres, chegou-se a um accordo. A proposta que os organizadores traziam engatilhada era a seguinte: o «glorioso» vencedor só jogaria para disputa da taça, no seu campo, e somente pagariam pela deslocação 45000, ao grupo de nomeada, ou então viriam jogar, mas a taça ficava em seu poder, quer perdessem ou ganhassem!! Creio que a casa dos organizadores não corou de vergonha ao transmitirem esta resolução. O grupo de nomeada, ante a iminência de um dia perdido de receita, resolve oferecer então, ao tal grupo, uma taça como BRINDE, como FAVOR, mas nunca como resultado da sua vitória... e foi assim, que no segundo encontro o Sport Club de Penafiel foi copiosamente derrotado pelo Vitória Sport Club por 8 a 1, em resposta à derrota de 2 a 1, sofrida no primeiro desafio.

ALMEIDA FERREIRA.

P. S. — Devemos dizer que o custo da taça oferecida como PRENDA, em nada onerou as finanças do Vitória.

GRANDE ROMARIA DE S. TORCATO

Nos próximos sábado e domingo, dias 6 e 7 de Julho, realiza-se, como já noticiamos, na Estância de S. Torcato, a pouca distância desta Cidade, a maior Romaria do Norte do País, a afamada Romaria de S. Torcato, que ali costuma atrair muitos milhares de forasteiros vindos de todas as partes do país. Os seus ejos prometem atingir grande imponência, para o que a mesa da Irmandade, da digna presidência do importante industrial e nosso querido amigo sr. Alberto Pimenta Machado, se não tem poupado a esforços.



Mosteiro de S. Torcato

Damos a seguir, resumidamente, o programa da Grande Romaria, à qual os jornais diários e as estações emissoras de Rádio têm feito já merecida propaganda:

Dia 6 de Julho — A's 17 horas, no Majestoso Santuário VÉSPERAS SOLENES com exposição do Santissimo Sacramento.

FESTEJOS PÚBLICOS.

A' noite: VISTOSO FESTIVAL que constará de brilhantes iluminações, música e fogo de artifício.

Dia 7 de Julho, às 8 horas — MISSA CAMPAL. A's 11 horas — SOLENIDADE RELIGIOSA constando de Missa cantada a grande orquestra, Sermão por um reputado orador e Exposição do Santissimo Sacramento. A's 17 horas — Saimento da suntuosa PROCISSÃO com imenso figurado, seguida do imponente CORTEJO ALEGÓRICO à vida do Santo Mártir.

A' noite: DESLUMBRANTE FESTIVAL com várias bandas de música — Iluminações gerais e Fogo de artifício por afamados pirotécnicos.

O Templo do Glorioso Santo achar-se-á profusamente iluminado a luz eléctrica.

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal estabele, de combinação com as outras linhas, um serviço especial de combóios.

montados, rios, preigos, fontes, entradas e saídas, padroões de tôdas as igrejas, reitorias e vigararias da dita vila; a alcaidaria mor de Castelo de Vide; um conto de reis de assentamento e mais cinco oitocentos e quarenta e seis mil, novecentos e catorze reis (5846:614 reis)

Todas estas mercês foram confirmadas e aumentadas por D. Sebastião.

Este sexto duque de Guimarães faleceu em Ev'ora com 35 anos, em 1576, no estado de solteiro, sendo sepultado junto da jazida que seu tio o cardeal-archebispo da mesma cidade escolheu para si, no antigo colégio dos jesuitas, onde instituiu a Universidade e hoje está funcionando o liceu André de Gouveia.

Padeceu muito este duque do estomago e por este motivo esteve doente trinta e oito dias de cama, no fim dos quais, tendo recebido os sacramentos da igreja, faleceu. Sua mãe sobreviveu-lhe dois meses e doze dias. Esteve D. Duarte para casar com D. Joana, sua prima materna, filha de D. Francisco de Melo, marqués de Ferreira e de D. Eugénia, filha do 2.º casamento do 4.º duque de Bragança e a cujo matrimonio já antecederamente aludimos.

Pesarosa pelo falecimento do novo professor ella no convento das Chagas em Vila Viçosa com o nome de soror Joana da Trindade em cuja clausura faleceu em 30 de Dezembro de 1616, tendo sido abadessa em 1604. Foi sepultada no coro de baixo. Essencialmente religioso, determinou, poucos momentos antes de morrer, que levassem para Vila Viçosa um seu cofre e o entregassem a sua tia soror Vicencia com a especial e expressa recomendação, a ella dirigida, de que o guardasse bem assim como o que nele se continha.

Este cofre teve elle sempre consigo durante a doença, conservando-o sempre fechado. A tia, recebendo-o, cumpriu tudo o que lhe fóra pedido. Mas muito instada para revelar o seu recheio, decidiu-se então, um dia a contar entre lágrimas o que vira: uns cilícios e umas disciplinas já bastante gastas e tôdas ensanguentadas bem como um lençol nas mesmas condições.

D. Duarte era muito dedicado ao estudo e a sua casa, espécie de academia, era frequentada por doutos religiosos e outras pessoas cultas nas letras e nas sciencias. Foi um dos seus mestres D. Garcia de Abreu, filho bastardo do conde de Abrantes.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

Da Cidade

De luto — Pelo falecimento de sua extremosa mãe, occorrido na terça-feira em Arco de Baúlhe, encontra-se de luto o nosso bom amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, activo empregado do escritório da Casa Alberto Pimenta Machado, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de condolências.

Orfeão de Guimarães — Um grupo de antigos orfeonistas desajando reorganizar este grupo coral, para o qual já tem a acquiescência do nôvel maestro ex.º sr. Filinto Nina, convida todos os componentes que fizeram parte do antigo Orfeão e mais alguém que deseje fazer par-

te do mesmo a inscreverem-se, achando-se a inscrição aberta nas seguintes casas: — Casa das Gravatas, Casa das Camisas, Albino Rebelo & C.º, Camilo Laranjeiro dos Reis

Ocorrências — Por motivo de um desastre occorrido, nas obras de armação de um telhado do acréscimo da fábrica do Minhoto, recolheu ao Hospital da Misericórdia o operário carpinteiro Francisco Fernandes, casado, de 65 anos, natural de S. João de Ponte, falecendo, após a sua chegada ali.

— Pela G. N. R., desta cidade, foi enviada participação ao poder judicial contra José Maria Caetano, casado, pedreiro, morador no lugar de Silveiras, freguesia de Ponte (S. João), d'este concelho, por este ter agredido à navalhada Arlindo Silva o «Bitord», casado, sardineiro, morador no lugar das Varandas, freguesia de Fermentões, atingindo o nas costellas, no baixo ventre e na perna esquerda.

— Foram autoados, por infracção ao decreto n.º 18.725, de 6 de Agosto de 1930, Maunel Dias Ribeiro, Narciso de Sousa Lobo, José Mendes Meira, Domingos José de Meira, Manuel Vieira, António Manuel Lourenço, João de Sousa e Francisco Ferreira, todos d'este concelho.

O referido decreto diz respeito aos cães sem a respectiva licença e sem açamo.

— Pelo digno comandante da secção da G. N. R., sr. tenente Cruz, foi mandada intensificar a fiscalização para evitar os casos de hidrofobia que, ultimamente, se tem dado em várias terras do país.

— Por transgredir o edital do Governo Civil, funcionando com a sua taberna, depois da hora regulamentar, foi autoado Avelino José Salgado, casado, taberneiro, morador no lugar do Agouro de Baixo, freguesia de Selho (S. Jorge).

A policia capturou António Silva, solteiro, de 24 anos, do lugar das Duas Vendas, freguesia de Balazar, por ter entrado na propriedade de Manuel Joaquim Guimarães Júnior, roubando-lhe os animais, cereais e frutos.

S. João e S. Pedro — Em vários pontos da cidade festejou-se, como havia sido anunciado, nos dias 23 e 24, o Santo Precursor, tendo havido em alguns pontos da cidade iluminações fogo e música.

Algumas cascatas mereceram a admiração do público. — O S. Pedro foi, igualmente, festejado com diversos folguedos.

Dr. Armando Faria — Em sua sessão de quinta-feira a C. A. da Câmara nomeou tesoureiro efectivo o nosso prezado amigo e estimado conterrâneo sr. dr. Armando Faria, a quem, por tal motivo, felicitamos.

Pôsto de Socorros de «A Social» — «A Social» importante companhia de seguros contra accidentes no trabalho vai inaugurar, dentro em breve, nesta cidade, um pôsto de Socorros, que ficará instalado na Farmácia do nosso bom amigo sr. Henrique de Sousa Correia Gomes, seu activo representante.

em Lordêlo, subia para o comboio foi vítima de um desastre que, felizmente, não teve consequências de maior, o nosso prezado amigo sr. Armando de Freitas de Lima, daquelle localidade.

Cumprimentamo-lo e desejamo-lo o seu rápido restabelecimento.

Associação Commercial e Industrial — Já tomou posse, há dias, a nova direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães a que dignamente preside o nosso prezado amigo sr. Silvino Alves de Sousa.

A essa direcção composta por pessoas de iniciativa e de boa vontade, está reservado um largo futuro, e nela confiamos absolutamente.

Guimarães — Póvoa

Carreiras diárias de Caminhetas, com início em 1 de Julho.

João Carlos Soares, proprietário de três luxuosas caminhetas participa ao público em geral que inicia no dia 1 de Julho a carreira diária e directa entre Guimarães e a Póvoa de Varzim, sem trasbordo, com a seguinte tabela:

Table with 2 columns: Itinerary and Price. It shows 'Ida ou volta' for 10\$00 and 'Ida e volta' for 16\$00.

HORÁRIO

Table with 2 columns: Location and Time. Shows departure from Guimarães at 7:30, arrival at Póvoa at 9:30, and arrival at Guimarães at 18:55.

Table with 2 columns: Location and Name. Lists various offices and their holders in Guimarães and Póvoa.

FALECIMENTOS

General António Augusto d'Oliveira Guimarães — Em Espinho faleceu, há dias, este distinto official, que nesta cidade, onde residiu muitos anos, era muito estimado.

Contando apenas 18 anos faleceu, vitimada pela terrível tuberculose, a sr.ª D. Antónia de Almeida Ribeiro, filha do proprietário sr. José Ribeiro e da sr.ª D. Beatriz Belmira de Abreu Almeida, professora official da freguesia de Creixomil, e irmã dos srs.: Anselmo, Domingos, Francisco e José de Almeida Ribeiro.

O seu funeral realizou-se, com numeroso acompanhamento na tarde de segunda-feira, para o cemitério da mesma freguesia.

Em Gondar, de cuja freguesia era, há muitos anos, regedor, faleceu o nosso bom amigo sr. Fortunato Ribeiro Machado Guimarães que tanto ali, como nesta cidade e em várias freguesias do concelho, contava muitas amizades.

O seu funeral realizado naquela freguesia, teve numerosa assistência. A's famílias enlutadas apresentamos condolências.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Mário de Sousa Menezes

Sabemos que este nosso querido amigo foi muito felicitado, na última segunda-feira, dia 24, pela passagem do seu aniversário natalício. Isso é mais uma prova do quanto o

Um amigo de Moreira de Cónegos escreve-nos uma carta que vamos passar a transcrever porque diz respeito a uns assuntos de necessária e urgente resolução:

Moreira de Cónegos, 9 de Junho de 1935.

Prezado amigo Antonino

Como muito bem me conheces, escuso de me apresentar como teu assinante — ou melhor do teu jornal; e, porisso, entro abertamente no assunto.

Fazendo tu do teu jornal o intemerato defensor dos interesses e de tudo o que diz respeito a Guimarães (concelho); eu tomo a liberdade de, seguindo o mesmo lêmã, te informar dum caso passado há poucos dias nesta freguesia, e que se o achares digno, te autorizo a mencioná-lo nas colunas do teu muito apreciado semanário.

E' do teu conhecimento que as freguesias de Vilarinho e Moreira de Cónegos são atravessadas pelo rio Vizela e que este rio por meio de pontes, liga as duas freguesias.

E' do estado de completa ruína em que se acha uma dessas pontes — a chamada de «Caneiro» — que te quero falar. Já há bastante tempo que ella se encontra em estado verdadeiramente intransitável devido à grande orçalação que faz ao menor pêso e ainda por o soalho se encontrar muito esburacado, com falta de tábuas de mais de 50 centímetros e com mais a agravante de nem tampouco uns arames aos lados lhe servirem de guardas.

Ainda há bem poucos dias um pobre moleiro perdeu a vida em condições bem trágicas como passo a relatar: tendo uns moínhos arrendados do lado de Vilarinho, lá pernoitava; há-de haver uns vinte dias para lá se dirigia como era seu costume, mas ao passar a ponte, talvez porque viesse um pouco embriagado mas com certeza por causa do péssimo estado da ponte, com tanta infelicidade o fez, que, falhando lhe o equilibrio, precipitou-se no rio, donde o retiraram creio que passados dez dias já em estado de putrefacção.

Eis, meu Amigo, o resultado do abandono daqueles que olham para tudo o que é supérfluo em prejuizo daquilo que é necessário fazer.

Mas ainda sobre a mesma ponte, um dos componentes da Junta de freguesia de Vilarinho disse-me que o contrato para conserto em cimento, desta ponte, já tinha sido fechado e entregue a um empreiteiro em Outubro do ano findo. Ora porque não mandaram já fazer este conserto, se já vai há uns sete meses que a obra foi adjudicada? Não se evitariam assim desastres como o que acabo de relatar? Podem dizer que o tempo o não permite; mas, nesse caso, seria preferivel que escangalhasssem a que está, por estar intransitável, a ter de se verificar mais desastres de futuro.

Como atrás digo, se achares oportuno referires-te a esta carta no teu jornal, peço-te que não menciones o meu nome — se não for preciso. Sem mais, termino desejando as melhores prosperidades ao «Noticias de Guimarães» e seus colaboradores.

Um abraço para ti do amigo dedicado e ao teu dispôr, etc.

F.

VENDEM-SE duas moradas de casas em bom local, dentro da cidade, pagando as rendas bom juro de capital.

Quem pretender dirija-se ao Solicitador Augusto Silva.

Curso de Contabilidade

Guarda-Livros devidamente habilitado, lecciona praticamente, das 9 ás 10 da noite, caligrafia, correspondência, escrituração e calculo commercial, garantindo o aproveitamento. Aceitam-se alunos. Informa esta redacção.

prestante cidadão e inteligente profissional é estimado no nosso meio.

Dr. Jerónimo Rocha

Já fixou residência em Braga, bem como sua ex.ª familia este nosso querido amigo e illustre Delegado do Procurador de República naquela Comarca.

Dr. António J. da Silva Bastos

Regressou de Melgaço o distinto advogado-notário e nosso bom amigo sr. dr. António José da Silva Bastos Júnior.

Na passada quarta-feira, dia 25 do corrente fez anos a sr.ª D. Modesta de Sá Alpoim, estimada modista e esposa do nosso amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Menezes. Parabéns.

Regressou de Lisboa, melhor dos seus encomodados a estimada sr.ª D. Margarida Costa Guimarães.

Continua bastante incomodado o nosso bom amigo sr. João Faria e Souza Abreu, a que desejamos pronto restabelecimento.

Vimos já, completamente restabelecido, o nosso bom amigo sr. José de Sousa Roriz.